

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

ANDRÉ SILVA FERNANDES, GIOVANNA COSTA SILVA, MARCELA SILVA
CAMARGO DINIZ, MARIA EDUARDA MARTINS OLIVEIRA, RHANYELA
SILVA LINS E VITÓRIA COELHO LOPES

PIPE I

A influência da escola na saúde mental dos alunos secundaristas

Uberlândia

2018

RESUMO

O projeto de pesquisa aborda o tema “Influência e papel da instituição escolar na saúde mental dos estudantes secundaristas”. Buscamos entender e apontar se a escola age como um dos fatores de adoecimento mental dos alunos, bem como a estrutura já existente para lidar com o problema e a disparidade dessa estrutura entre escolas públicas e privadas. Fizemos isso por meio de um questionário online e entrevistas em uma escola particular de Uberlândia. Apesar de encontrar algumas alternativas para lidar com a problemática já sendo aplicadas, principalmente na rede particular, percebemos que não eram eficazes, e que o mal estar mental na escola ainda é comum. A pesquisa busca alertar sobre essa situação e apontar caminhos para melhorá-la.

Palavras Chave: Saúde mental, escola tradicional, educação, escola pública, escola privada.

INTRODUÇÃO

1. **Tema:** Influência da instituição escolar na saúde mental dos estudantes secundaristas
2. **Problema:** A escola tradicional contribui para o adoecimento mental dos alunos? Qual é a diferença entre escolas públicas e privadas no que diz respeito a recursos para lidar com esse problema?
3. **Objetivos:** Entender qual a influência das escolas na saúde mental dos alunos, os programas já realizados e os contrastes nesse aspecto entre escolas públicas e particulares.
4. **Justificativa:** Segundo uma pesquisa realizada e publicada pela Unifesp em 2014, mais de 21% dos jovens entre 14 e 25 anos têm sintomas indicativos de depressão. (GUARESEMIN, 2014). Isso mostra que muitos adolescentes em idade escolar estão adoecendo, apontando a capacidade dessa instituição de potencializar a possibilidade do surgimento ou agravamento de problemas mentais. A realização dessa pesquisa apresenta contribuições importantes, sendo uma delas a conscientização dos agentes da estrutura escolar tradicional sobre a piora da saúde mental dos estudantes e sobre seu papel nesse aspecto. Outro fator importante é a criação de novas ações para combater o problema, além da reflexão

sobre o ambiente escolar tradicional já existente, que pode levar a mudanças significativas.

ARCABOUÇO TEÓRICO

É necessário conceituar saúde mental, pois ela será nosso objeto de estudo. No dia Mundial da Saúde Mental de 2016, a Organização Mundial da Saúde (OMS) denotou que o conceito de saúde vai além da mera ausência de doença - só é possível ter saúde quando há um completo bem estar físico, mental e social. (NAÇÕES UNIDAS, 2016). Quando falamos da saúde mental, os fatores externos são mais influentes nesse bem estar. De acordo com o psiquiatra Lorusso, a saúde mental é “o equilíbrio emocional entre o patrimônio interno e as exigências ou vivências externas.” (1997).

Segundo Durkheim, a sociedade realiza uma força de coerção sobre o indivíduo, para que ele se adeque a ela. Ele reconhece a influência da educação nessa coerção no texto abaixo:

a construção do ser social, feita em boa parte pela educação, é a assimilação pelo indivíduo de uma série de normas e princípios — sejam morais, religiosos, éticos ou de comportamento — que balizam a conduta do indivíduo num grupo. O homem, mais do que formador da sociedade, é produto dela. (1998, p. 8)

Para realizar nossa pesquisa, partimos da premissa durkheimiana de que a sociedade e suas instituições agem sobre o indivíduo, tendo, assim, responsabilidade sobre sua construção como pessoa saudável. Apesar disso, Durkheim atribuía a saúde mental dos indivíduos à psicologia e não à sociologia.

Diferentemente de Durkheim, Bastide aponta uma relação direta da sociologia com as doenças mentais, trabalhada na sua obra “Sociologia das Doenças Mentais”: “As perturbações do espírito exprimem as influências da cultura, da organização da sociedade e do meio humano.” (BASTIDE, 1968, p.202). Assim, Bastide mostra a influência que a sociedade, incluindo suas instituições, têm na saúde mental dos seus indivíduos. Para tal autor, “o problema do doente mental na sociedade não é apenas o problema do doente, mas o problema da própria comunidade.” (BASTIDE,

1968, p.257). Visto isso, as questões mentais dos indivíduos não são unicamente de responsabilidade médica, mas também de atribuição social.

No artigo “Queixas escolares: que escola é essa que a adocece” a autora faz uma crítica diante ao modelo escolar tradicional capitalista que volta-se diretamente às questões escolares ligadas somente a metodologia, retirando a subjetividade e humanidade, impondo um ensino tecnicista. Essa conjuntura causa desânimo, frustração e ansiedade nos estudantes, que se sentem engessados, pressionados e desestimulados pela escola. Assim, a autora sugere a junção da educação com práticas psicopedagógicas, centros de apoio educacionais, psicologias e um efetivo diálogo entre escola e aluno. (BREMBERGER,2010)

Esse diálogo muitas vezes não acontece por conta da estigmatização das doenças mentais e emocionais, consequência do preconceito da sociedade em relação a tais problemas. Goffman define estigma como “a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena.” (GOFFMAN, 2004, p.4). Assim, o medo de estar nessa situação pode levar os jovens à negação de seu estado emocional e à falta de diálogo sobre o assunto.

HIPÓTESES

O método educacional das escolas tradicionais atuais está agindo como um dos muitos fatores que adoecem a mente dos alunos secundaristas. Isso ocorre em função da forma conteudista escolar que, além de sobrecarregar intelectualmente os estudantes, engessa a sua criatividade e a liberdade de pensamento. Também é importante levar em consideração os métodos avaliativos empregados pelas escolas, que geram ansiedade e frustração nos alunos, devida à grande cobrança por parte dos pais, das instituições de ensino e dos próprios estudantes.

Ademais, a escola particular secundarista proporciona maior estrutura, como psicólogos, psicopedagogos, atividades extracurriculares, eventos que estimulam a interação social, etc. para lidar com a saúde mental dos alunos do que a escola pública, por conta da disparidade de recursos econômicos entre essas instituições.

METODOLOGIA

Utilizaremos os métodos qualitativos e quantitativos por intermédio de questionários e entrevistas para obter maior abrangência de informações. Na pesquisa de campo, faremos um questionário *online* (via GoogleDocs) com perguntas claras e objetivas relacionadas ao que envolve a saúde mental do estudante. Segundo Antônio Carlos Gil, esse método pode ser definido como:

A técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc. (GIL, 1987)

Escolhemos essa ferramenta pois os jovens pesquisados estão familiarizados com o ambiente virtual e se sentirão mais seguros para responder. O público alvo deste questionário será os alunos do Ensino Médio de escolas privadas e públicas de Uberlândia-MG. A partir dessa pesquisa alcançaremos dados estatísticos, que cerca os aspectos de cunho social (classes, Bullying, religião, etnia) e familiar.

A entrevista (...) “é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação”. (GIL, Antônio Carlos; 1987; p.113). Com ela pretendemos colher relatos e informações mais subjetivas de alguns alunos, professores, diretores, psicólogos e pedagogos de como a instituição escolar lida com questões psicológicas dos estudantes. Os entrevistados serão selecionados com base na sua proximidade com os secundaristas. O número de entrevistados irá variar de acordo com a oferta do campo.

Os pesquisadores obterão os dados através de visitas a quatro escolas de Ensino Médio, duas públicas e duas privadas. Selecionaremos essas instituições por critérios socioeconômicos, buscando evidenciar a discrepância entre elas. Procuraremos saber quais ações as escolas já implementaram em seu meio acadêmico e quais seus impactos, e com esses resultados idealizaremos novas formas de lidar com essa questão.

PESQUISA DE CAMPO

Aplicamos um questionário online para alunos secundaristas a respeito da saúde mental no ambiente escolar. Divulgamos por meio de redes sociais como Twitter e Facebook, e explicamos brevemente como funcionava o curso de Ciências Sociais e como a participação deles ajudaria na pesquisa. Recebemos respostas de 281 pessoas, de várias escolas, públicas e particulares, de Uberlândia, Araxá e Bom Jesus de Goiás.

Cabe a observação que durante a pesquisa de campo, as escolas públicas estavam em greve, influenciando na conclusão da pesquisa. A rede estadual estava em paralisação, pois os salários dos professores não estavam sendo pagos corretamente.

O questionário resultou em alguns dados quantitativos sobre os estudantes, representados por gráficos. Dentre eles, a idade dos consultados, que variou entre 14 e 19 anos, 43% delas têm 17 anos e 30% têm 16 anos. A maioria deles estuda no turno matutino e em escolas particulares. Dos estudantes de escola pública, 31% tem renda familiar até até R\$ 1900,00, e 8% vive com menos de um salário mínimo (Gráfico 1). Já nas escolas particulares, 58% tem renda familiar superior a R\$ 3.800 (Gráfico2). 60,9% dos estudantes citados se identificam como brancos, 28,5% como pardos e 10,6% com outras etnias (Gráfico 3). Quanto à orientação sexual, a maioria se identifica como heterossexual ou bissexual (Gráfico 4).

Uma das perguntas do questionário era se na escola deles havia atendimento profissional de psicólogos ou psicopedagogos, 79 deles responderam que não. Esse dado é geral, incluindo escolas públicas e privadas. 159 responderam que sim, sua escola oferece algum tipo de ajuda, e não fizeram nenhuma crítica. Em 43 respostas afirmativas, eles disseram que não se sentem à vontade para procurar tal ajuda ou que, quando o fizeram, não foi eficaz. Paulo*,17, que estuda em uma escola particular de Uberlândia no período matutino, por exemplo, respondeu:

Já [procurei], tive problema com suicídio ano passado e procurei o coordenador da escola e a situação apenas piorou. Tentei suicídio e depois tive acompanhamento psicológico e não precisei de remédios, estou bem melhor, porém tenho muitas marcas visíveis e me sinto mal.

Esse resultado se relaciona ao conceito de estigma desenvolvido por Goffman, que o define como “a situação do indivíduo que está inabilitado para a

aceitação social plena.” (2004, p. 4). Assim, o medo de estar com algum tipo de problema emocional e ser estigmatizado levam os jovens à negação de seu estado e à falta de diálogo sobre o assunto. Na pesquisa de campo, quando entrávamos nas salas e falávamos sobre o tema do nosso projeto, era notável o espanto dos estudantes.

Alguns estão na situação de Bárbara, que nem mesmo sabia que a ajuda existia:

Não fui informada sobre a possibilidade de consultar com essas psicólogas na escola, somente fiquei sabendo por outros alunos que a escola fornece esse auxílio, além de nunca ter me sentido à vontade para ir atrás dessa informação com a direção do colégio.

Aproximadamente 21% dos respondentes já foram diagnosticados com algum tipo de doença mental/emocional (depressão, ansiedade, síndrome do pânico, etc.), e 45% destes não se sentem totalmente aceitos no ambiente escolar. Sobre isso, Valentina, 17, que estuda em Uberlândia em uma escola particular no período matutino, disse: “Socialmente sim [me sinto aceita], pois muitos colegas passam pelo mesmo, mas mesmo que a escola pregue esse discurso de ajuda me sinto uma parte excluída do colégio.”

Em relação aos sentimentos que os estudantes têm referentes à escola, os dados são preocupantes: 260 se sentem desanimados, 252 ansiosos, 221 frustrados, 219 sentem raiva, 218 sentem vontade de desistir, 211 tristes, etc. Esses sentimentos, por vezes, se relacionam ao método tradicional escolar de ensinar e avaliar, como diz Paola, 17, estudante de Uberlândia, período matutino, colégio particular:

Vejo cada uma dessas exigências [avaliações, prazos, trabalhos, etc.] como essenciais para o nosso aprendizado e consigo aprender muito a partir delas, mas muitas vezes a quantidade de obrigações ao mesmo tempo sobre mim me deixa tão cansada a ponto de eu não conseguir ficar bem comigo mesma um único dia no mês.

No âmbito das entrevistas, a professora da rede pública, Rose, relata que a escola tem um papel muito importante na formação dos indivíduos, ou seja, ela tem uma grande função social, considerando que esses sujeitos moldados irão conviver e se relacionar com o restante da sociedade. Ela fala que, infelizmente, os colégios contribuem, negativamente, para a saúde mental dos alunos, por conta da pressão que é exercida sobre eles, e a negligência sobre as diversidades que existem entre

eles. Outro aspecto que a docente aponta é o fato de os professores terem o papel de auxiliar nos problemas estudantis trazidos até eles, porém não são preparados para lidar com todas as demandas dos estudantes. Ela conclui que isso ocorre devida à falta de políticas públicas eficazes, como eventos que discutem a saúde mental, acompanhamento psicológico gratuito e conscientização sobre bullying.

O professor Jair concorda com a fala de Rose sobre a questão de a escola ser uma grande formadora de seres humanos, e acrescenta que, da mesma forma que influencia no ponto de vista intelectual e social, interfere também no ponto de vista mental: ao mesmo tempo em que emite tranquilidade, há uma grande cobrança interna e externa do discente. Parte dessa ideia está de acordo com a concepção de educação do sociólogo francês Émile Durkheim (1998), cuja posição defende que a construção do ser social é elaborada, em grande medida, pela educação. Apesar disso, Durkheim não acredita que ela possa influenciar na construção mental dos alunos.

Para finalizar as observações sobre as entrevistas, a estudante de terceiro ano de uma escola particular, chamada Amanda, enfatizou que, às vezes, a instituição escolar objetifica os estudantes, transformando-os em apenas número de aprovação, quase esquecendo que são pessoas, não os valorizando enquanto humanos. Além disso, acrescentou que, principalmente no terceiro ano do Ensino Médio, há uma grande pressão psicológica e desgaste em relação à aprovação em vestibulares, o que é degradado pelo fato de haver somente avaliação em forma de provas, os projetos e trabalhos em grupo não são presentes nesta etapa.

Através desta pesquisa, comprovamos as nossas hipóteses de que a instituição escolar influencia na saúde mental dos alunos e tem feito isso de modo negativo. Ficou evidente que há uma grande disparidade entre as escolas públicas e privadas, considerando que as escolas particulares possuem grandes recursos econômicos que proporcionam o desenvolvimento de atividades e profissionais que auxiliam na estabilidade da saúde mental dos estudantes, além de possuir uma estrutura física que supre todas as necessidades escolares; enquanto as escolas públicas ficam a mercê dos órgãos governamentais, sofrendo com sua negligência no repasse de recursos e na burocratização para a aprovação de projetos.

Ademais, a forma de funcionamento do método de educação, extremamente burocrática, conteudista, mecânica e no modelo em que o professor, possuidor de conhecimento, ensina para o aluno, o qual não possui conhecimento, retira totalmente o protagonismo do estudante em seu aprendizado, engessando sua criatividade e liberdade de pensamento. Essa visão está de acordo com a doutora na área de saúde mental, Maria Eufrásia Bremberger (2010), que faz uma crítica diante ao modelo escolar tradicional capitalista que se volta diretamente às questões escolares ligadas somente a metodologia, retirando a subjetividade e humanidade, impondo um ensino tecnicista. Além disso, a escola acaba elevando, potencialmente, o nível de pressão que exerce sobre os alunos, pelo fato de não haver vagas na universidade para todos, exigindo muito mais esforço individual para terem uma chance de adentrar em tal ambiente, incentivando a competição exacerbada entre os discentes. Diante dessa realidade, acreditamos que a escola não deve apenas reproduzir o mundo a sua volta, e sim atuar como uma base para mudanças mais significativas na sociedade.

O problema da saúde mental nos estudantes é complexo e vai além dos muros da escola, envolvendo família, amigos, sexualidade, condição financeira e violência. Apesar disso, a educação não pode atuar como fator agravante desse problema, pelo contrário, ela pode se transformar em um ambiente de amparo para os alunos. Para tanto, a escola deve fornecer atendimento psicológico seguro, eficaz e gratuito, além de investir em programas de conscientização e prevenção no âmbito da saúde mental e do bullying e procurar métodos alternativos de ensino que não promovam a competição exacerbada. Um exemplo disso é a Escola Âncora, idealizada por José Pacheco, que incentiva a autonomia dos alunos, abolindo provas, ciclos e séries, e não encara os professores como únicos detentores de conhecimento. (2014)

Conclusão

Depois de analisarmos a pesquisa o que mais chama a atenção é que 92% dos estudantes estão desanimados, outros 89% sofre com ansiedade. Uma das justificativas é a demasiada exigência que a escola impõe (provas, trabalhos, prazos curtos). Não podemos negar que as instituições têm o papel fundamental para construção e manutenção da sociedade, e mesmo com limitações, tentam diminuir impactos emocionais sobre os estudantes promovendo programas e eventos culturais para amenizar o ambiente opressor. Pesquisas como essa auxiliam as escolas a se adaptarem às novas gerações, levando sempre em consideração seus pensamentos e sentimentos. Se a instituição for presa a cosmovisão de uma pedagogia tradicional, sem diálogo, onde só os professores detêm o poder da fala ela contribuirá para o adoecimento dos jovens e adolescentes como foi visto acima. O sofrimento dos estudantes não é provocado somente pelas escolas, há uma série de fatores que podem ser analisados, o que nos dá uma série de possibilidades de estudos. O que não podemos negar é o fato da instituição escolar ter o poder de refúgio ou de agravamento de doenças mentais.

Notas de rodapé

* Os nomes são fictícios.

BIBLIOGRAFIA

GUARESEMIM, Cármen. **Mais de 21% dos jovens têm sintomas de depressão; 5% tentaram suicídio**, 2014. Disponível em<<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2014/03/26/mais-de-21-dos-jovens-tem-sintomas-de-depressao-5-tentaram-suicidio.htm>>. Acesso em: 17 de mai.2018.

NAÇÕES UNIDAS. **Saúde mental depende de bem-estar físico e social, diz OMS em dia mundial**, 2016. Disponível em<<https://nacoesunidas.org/saude-mental-depende-de-bem-estar-fisico-e-social-diz-oms-em-dia-mundial/amp/>>. Acesso em: 17 de mai.2018.

LORUSSO, Sérgio. **Definições de Saúde Mental**, 1997. Disponível em<<http://www.saude.pr.gov.br>>. Acesso em: 17 de mai.2018.

DURKHEIM, Émile. **Educación y Pedagogia**. Buenos Aires: Editorial Losada. p. 7-73, 1998.

BASTIDE, Roger. **Sociologia das doenças mentais**. Lisboa: Publicações Europa-América; 1968.

BREMBERGER, M.E. (2010). **Queixas escolares: Que educação é essa que adocece?** Revista de Educação, 127-139.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. LTC, 1981.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 1. ed. São Paulo: Atlas S.A., 1987. 220 p.

BIBLIOGRAFIA LEVANTADA

BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

Escola da Ponte radicaliza a ideia de autonomia dos estudantes. 1. 2014. Disponível em: <<http://educacaointegral.org.br/experiencias/escola-da-ponte-radicaliza-ideia-de-autonomia-dos-estudantes/>>. Acesso em: 01 jul. 2018.

ANEXOS:

Gráfico 1:

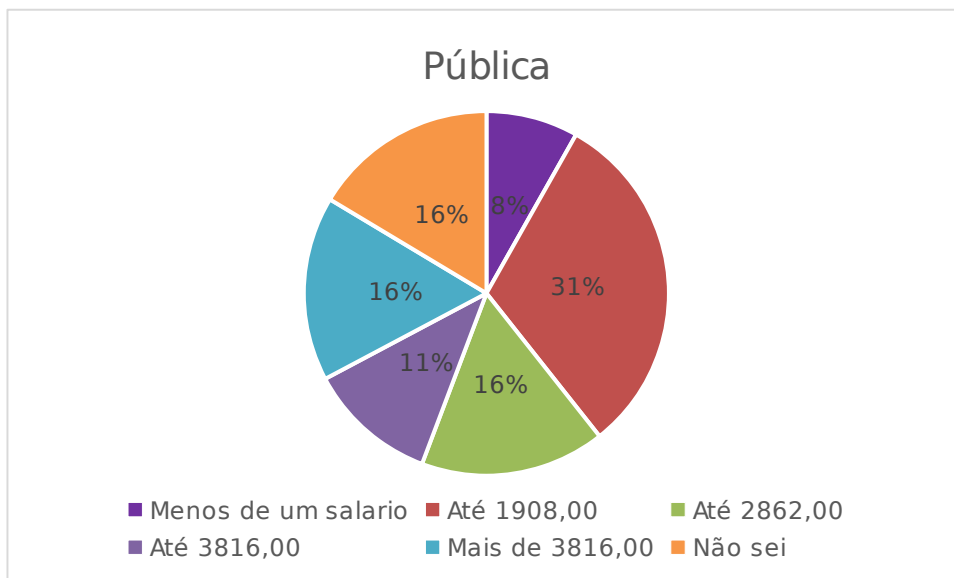


Gráfico 2:

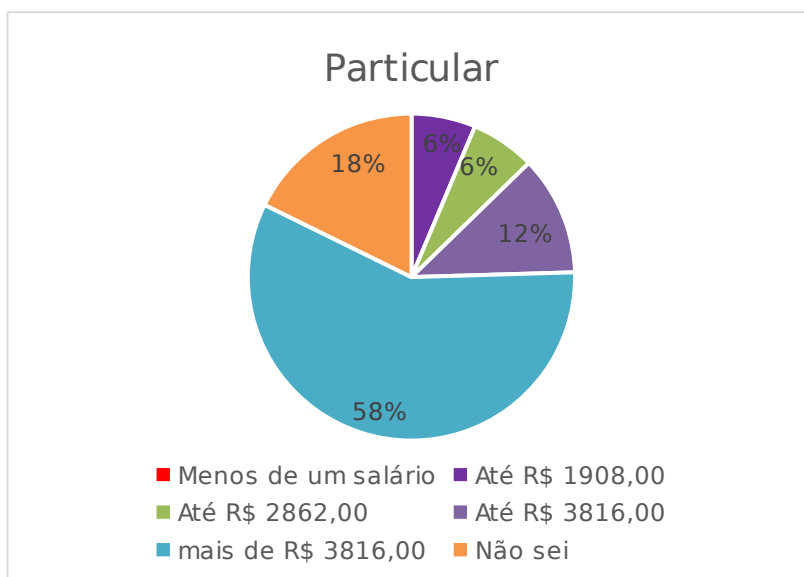


Gráfico 3:

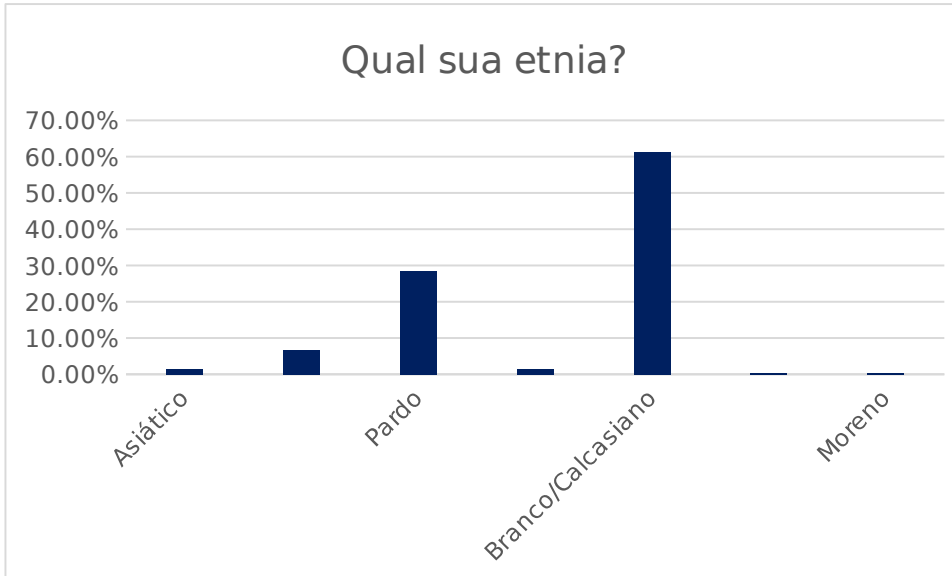


Gráfico 4:

